

O falar rural em Minas Gerais: contribuições dialetológicas

Rural talk in Minas Gerais: dialecolological contributions

El discurso rural en Minas Gerais: contribuciones dialetológicas

Gisele Aparecida Ribeiro¹; Carolina Taciana Pinati¹; Rosânia Aparecida de Souza Fonseca¹;
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra²; Marcelo Santos³

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo a apresentação do dialeto rural presente no vocabulário Parque Nacional da Serra da Canastra, que se localiza na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais. A proposta, desta análise, foi mostrar que os estudos dialetológicos apontam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se inserem. Os resultados obtidos por meio de nossa pesquisa evidenciaram a presença de um dialeto rural comum a diversas partes de Minas Gerais.

Palavras-chave: Léxico, Dialectologia, Vocabulário Rural, Minas Gerais, Parque Nacional da Serra da Canastra.

Abstract: The present work had the objective of presenting the rural dialect present in the vocabulary of Serra da Canastra National Park, which is located in the southern / southwest mesoregion of Minas Gerais. The purpose of this analysis was to show that dialecolological studies show a close relationship between man, culture and the environment in which they are inserted. The results obtained through our research evidenced the presence of a rural dialect common to several parts of Minas Gerais.

Keywords: Lexicon, Dialectology, Rural Vocabulary, Minas Gerais, Serra da Canastra National Park.

Resumen: El presente trabajo tuvo como objetivo la presentación del dialecto rural presente en el vocabulario del Parque Nacional de la Sierra de la Canastra, que se ubica en la mesorregión sur / suroeste de Minas Gerais. La propuesta de este análisis fue mostrar que los estudios dialetológicos apuntan estrecha relación entre el hombre, la cultura y el ambiente en que se insertan. Los resultados obtenidos por medio de nuestra investigación evidenciaron la presencia de un dialecto rural común a diversas partes de Minas Gerais.

Palabras clave: Léxico, Dialectología, Vocabulario Rural, Minas Gerais, Parque Nacional de la Sierra de la Canastra.

INTRODUÇÃO

A língua apresenta variações, sobretudo relacionadas com fatores sociais, temporais, geográficos. É nesse último tipo de variação que se concentram os estudos dialetológicos.

A Dialectologia associa-se à Etnografia, área de conhecimento que estuda a cultura de um povo. Convém afirmar que a cultura exprime a herança social de um grupo, visto que a sua transmissão se faz pelo convívio entre diferentes gerações.

Nas palavras de Faraco (2005, p. 178),

entende-se por dialeto o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de dialeto, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica.

É uma disciplina que procura descobrir e descrever características próprias de falas usadas em diferentes regiões, na tentativa de identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os fatores que levaram a sua formação.

PERCURSO HISTÓRICO

Desenvolver um estudo sobre o léxico de uma de-

terminada região pressupõe investigar não só a língua dessa região, mas também considerar a influência exercida pelo ambiente, motivada por fatores de natureza geográfica, sociocultural, histórica, dentre outros.

O Parque Nacional da Serra da Canastra encontra-se em destaque no mapa 1.

A referida região, antes dos bandeirantes e naturalistas do século XVII, XVIII e XIX chegarem, era ocupada por grupos indígenas que estavam na região há diversas décadas. Depois vieram os bandeirantes e, também, os negros que sobreviveram graças às diversas fugas e à organização dos quilombos formados na cabeceira do Rio São Francisco. O povo da Canastra – assim como o povo brasileiro em geral – é uma mistura de três etnias. Os índios e os quilombolas são considerados povos tradicionais, pois seus modos de vida eram e ainda são muito ligados ao ambiente natural, e a forma de passar a cultura para as gerações seguintes é quase toda oral.

O interesse em estudar o léxico do Parque Nacional da Serra da Canastra, surgiu porque acreditamos na importância de se pesquisar a língua levando em consideração o tripé léxico, história e cultura. Como o léxico é o sistema da língua que mais retrata a cultura local, optamos por focalizar neste estudo itens lexicais

¹Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos). E-mail: gisele.ribeiro@uemg.br

²Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

³Coordenador da Editora da Unidade de Passos; Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Passos).



Mapa 1: Parque Nacional da Serra da Canastra (Minas Gerais).

Fonte: SERRA, 2016 (Disponível em <http://www.serradacanastrapousadas.com.br/mapasestradas.html>.)

do mundo rural, acreditando nele encontrar resquícios de um passado linguístico e, assim, contribuir para a história social da língua portuguesa.

CONTRIBUIÇÕES ÀS PESQUISAS DIALETOLÓGICAS

O idioma mais empregado pelos brasileiros é língua portuguesa. Tal código é uma forma de interação social, portanto a língua faz parte da vida de todos os membros de uma determinada comunidade. Podemos afirmar que ela é um patrimônio social e cultural que evolui e modifica-se através do tempo. As principais características da língua são a mutabilidade e a dinamicidade, por isso ela se altera conforme a necessidade dos grupos sociais que dela fazem uso.

Convém ressaltar que de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas, a língua sofre variações que confirmam a ideia de dinamismo da língua. O dialeto encontra-se entre as diferentes variações linguísticas existentes.

Diversos autores afirmam que os dialetos estão relacionados às peculiaridades regionais de uma língua, sendo que estas são construídas de maneira espontânea.

Entender o conceito de dialeto torna-se muito importante para a construção de uma mapa dialetal que aponte as lexias comuns em diversas regiões de Minas Gerais, sendo assim, apresentaremos algumas definições de dialeto segundo alguns pensadores.

Para Coseriu (1992, p. 11-12),

um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica

(ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

Cunha (1985, p.04) considera-o como “um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida.” Segundo Chambers e Trudgill (1994), dialeto refere-se às variedades que são diferentes do ponto de vista gramatical ou lexical, além do fonológico. Eles afirmam que, ainda que essas observações sobre as diferenças dialetais sejam muito corriqueiras, o estudo dos dialetos só principia de modo sistemático na segunda metade do século XIX. Câmara Jr. (1970) assevera que os dialetos podem ser entendidos pelo aspecto puramente linguístico, correspondendo aos falares que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais. O autor ainda aponta que, sem a coincidência de tais traços linguísticos, não se pode estudar a existência de um dialeto, mas sim de uma língua diferente. Considerando a definição de Câmara Júnior, podemos considerar que dialetos são falares, logo convém apresentamos o conceito dessa expressão. Conforme Nascentes (1958), o falar abarca um conjunto de formas de expressão utilizadas por um grupo no interior de um domínio linguístico. Logo, ele pode ser considerado como local, quando circunscrito a uma localidade determinada e, até mesmo, como falar especial, quando empregado por um grupo social específico. O falar subordina-se ao dialeto. Consoante Câmara Jr. (1970, p.175): “É dentro do falar que cabe incluir o conceito de lei nas mudanças linguísticas; assim, as discrepâncias evolutivas da língua comum se explicam como fatos regionais, de determinados fa-

lares, difundidos na língua comum com empréstimos internos.”

O autor supracitado ainda aponta que falares são “línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum.” (CÂMARA JR., 1970, p. 151).

A DIALETOLOGIA EM MINAS GERAIS

Em 1952, o decreto Decreto nº 30.643/52 instituiu, entre outros pontos, a criação do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil. Logo, percebeu-se que a realização de tal feito seria praticamente inviável devido às dificuldades encontradas para sua confecção. A melhor forma de desenvolver um projeto tão grandioso, conforme o Prof. Antenor Nascentes, membro da Comissão de Filologia do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, seria dividir a elaboração em atlas regionais que culminariam em um atlas nacional.

Em Minas Gerais, quatro professores assumiram tal desafio, sendo eles: José Ribeiro, Mário Roberto L. Zágari, Antônio Pereira Gaio e José Passini.

Na impossibilidade de empreendermos uma busca nacional, tarefa ainda a realizar-se, elegemos nosso estado como campo a ser pesquisado. Cremos que até que, se em cada estado fosse desenvolvido um mesmo trabalho, sob uma coordenação central, encarregada de manter a unidade do inquérito linguístico, o Brasil poderia, antes de 1990, ter suas primeiras cartas preliminares. (RIBEIRO et al., 1977, p. 19)

Publicado em 1977, o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), volume I, foi idealizado em quatro volumes dos quais se publicou o primeiro. Os volumes II e III do Atlas, no entanto, não chegaram a ser publicados, pois o Prof. José Ribeiro faleceu e os Professores Antônio Gaio e José Passini aposentaram-se.

Tal trabalho contribuiu de forma excepcional para a descrição do português falado no Brasil e tinha como objetivo o mapeamento da língua portuguesa falada em Minas Gerais. Os resultados finais dessa pesquisa permitiram a delimitação do território mineiro em três áreas dialetais: o falar mineiro, o qual sofreu influência da colonização durante o ciclo do ouro e diamante; o falar paulista que abarca o Triângulo Mineiro e sul do estado e possui como característica principal o /r/ retroflexo, e o falar baiano que vai do Norte até o Leste/Oeste de Minas Gerais e tem como característica marcante o ritmo mais arrastado. Convém ressaltar que essa divisão foi feita segundo critérios lexicais, fonéticos e também ritmos de fala.

Conforme Rocha (2010, p. 71-86) este trabalho tem sido, desde então, um conjunto de pistas seguidas por vários estudiosos da fala mineira. A autora ainda afirma que ele tem servido como modelo para os trabalhos

dialetológicos realizados no Brasil nas duas últimas décadas. E tem sido também um modelo de espírito de desprendimento que se impõe a qualquer pesquisador seja de que área for.

Considerando tudo que foi dito acima, propomos, neste artigo, descrever, por meio de mapas, as diversas áreas em que se encontram as lexias comuns ao falar rural de Minas Gerais. Utilizamos o vocabulário comum coletado no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) durante a realização da tese de doutorado intitulada O léxico nos domínios da Zagaia: um estudo linguístico na Serra da Canastra - Minas Gerais (Ribeiro, 2016) e alguns trabalhos de vocabulários já concluídos e que estão inseridos no Projeto Léxico Regionais de Minas Gerais. São eles: Café com quebra-torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó (MG) (2012), de Cassiane Josefina de Freitas; O estudo da fraseologia do léxico rural de Sabinópolis (MG) (2013), de Vanderlei Martins Ribeiro de Miranda, e O vocabulário rural no Vale do Jequitinhonha: estudo do léxico de Minas Novas (2013), de Maryelle Joelma Cordeiro e Nas Cacimbas do Rio Pardo: um estudo léxico-cultural (2014), de Vander Lúcio de Souza.

Essas pesquisas têm demonstrado, por meio das muitas lexias estudadas em diferentes regiões de Minas Gerais, que existe um dialeto rural comum nesse Estado. São apresentados os mapas dialetais que representam os resultados da comparação entre alguns trabalhos de léxico realizados em Minas Gerais e já supracitados (Figuras 2 a 5).

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Para fundamentação teórica deste trabalho, procedemos à leitura de vários textos de diversos autores que tratam do léxico, da dialetologia e da sua relação com a cultura e a sociedade. Nossa pesquisa se apoia, portanto, nos fundamentos da Lexicologia e Dialetologia. Os dados aqui apresentados foram retirados do corpus de alguns trabalhos, já supracitados, de cunho lexicológico inseridos no Projeto Léxico Regionais de Minas Gerais. Retiramos aquelas lexias que representavam um dialeto rural comum em Minas Gerais. Convém enfatizar que todas as lexias aqui expostas estão escritas conforme a pronúncia utilizada pelos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo apresentar o dialeto rural presente no Parque Nacional da Serra da Canastra e em diversas regiões de Minas Gerais. Após analisar as lexias coletadas em projetos inseridos no Projeto Léxico Regionais de Minas Gerais chegamos à conclusão de que existe um dialeto comum a todas as regiões pesquisadas, o que nos leva a crer que apesar de nomear um mundo que está em constante evolução, as palavras permitem que sociedades semelhantes, mesmo distantes, mantenham língua e cultura comuns.

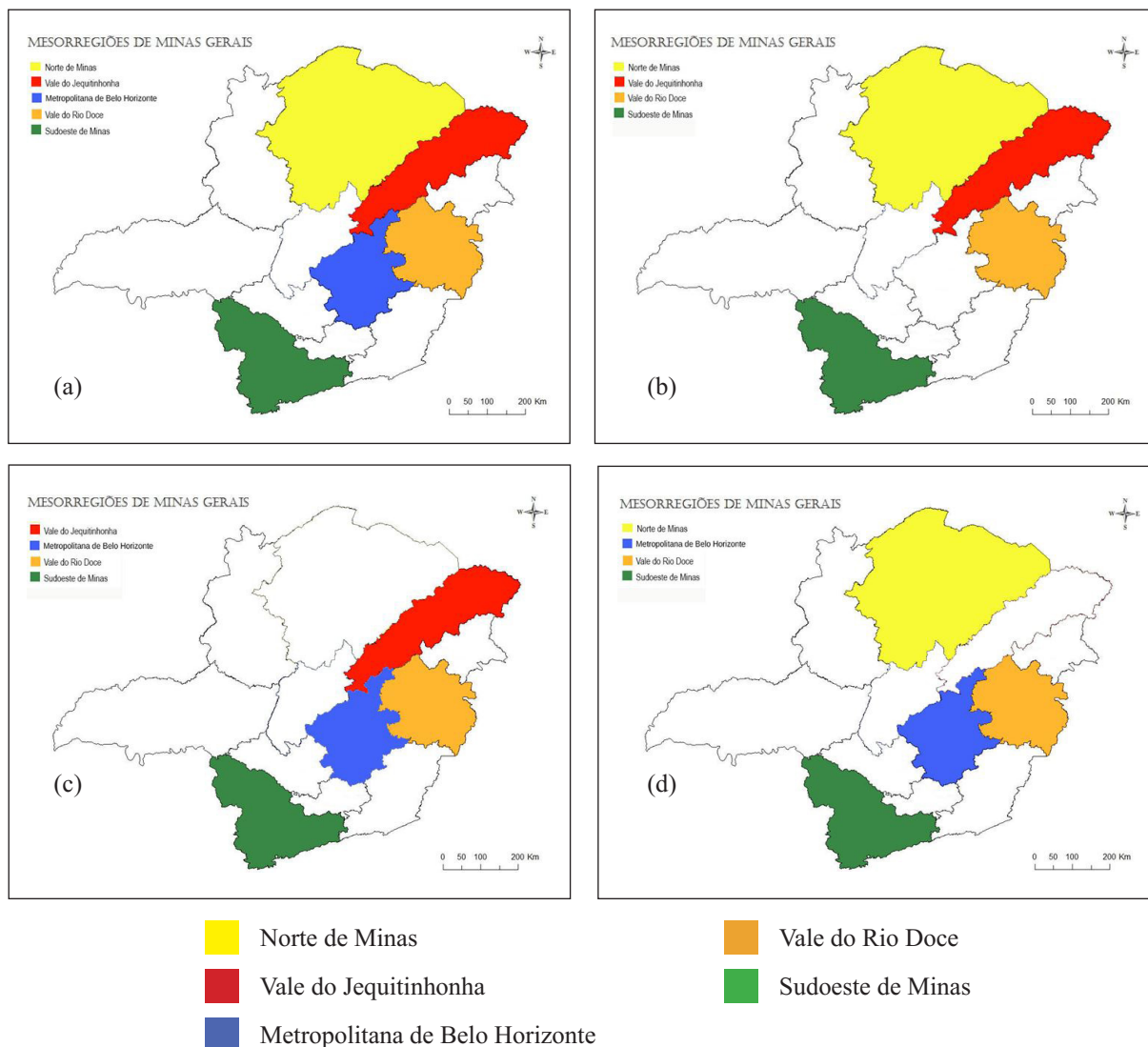


Figura 2: Mapas dialetais por mesoregiões separados pelas lexias encontradas: (a) Alembrear, Cabaça, Candeia, Capado, De primero, Em antes, Gamela, Lumiar; (b) Candeero, Catre, Munjolo, Picada; (c) Cuia; (d) Cacunda, Carguero, Carrero, Carro de boi, Catinga, Lmaparina, Tropa, Venda.

Fonte: Dados da pesquisa.

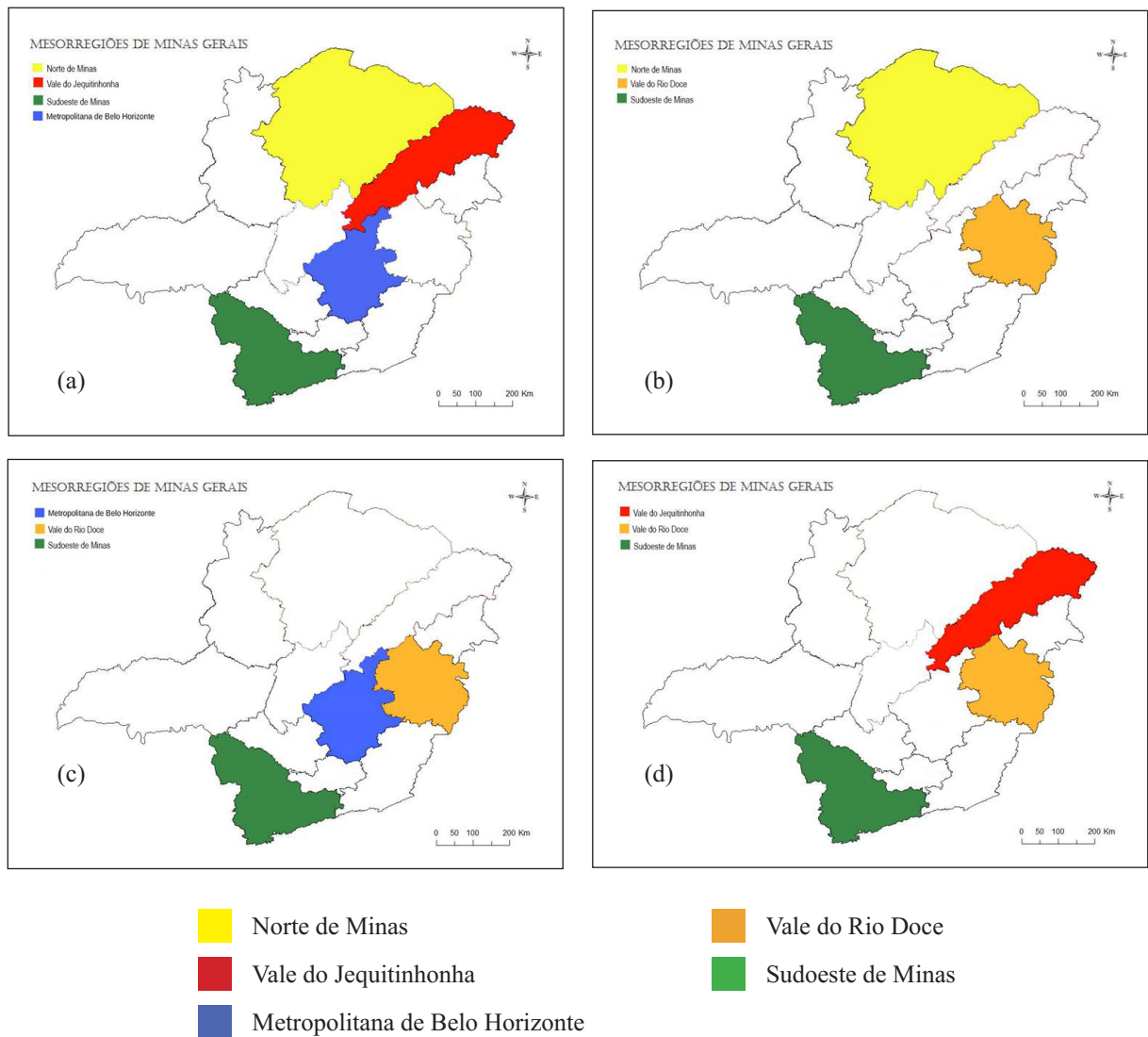


Figura 3: Mapas dialetais por mesoregiões separados pelas lexias encontradas: (a) Antão, Cangaia, Trupicar, Turar; (b) Pilão, Réis, Tustão; (c) Camarada, Derradero, Em roda, Precata, Riba; (d) Bitelo, Furquia, Tuia.

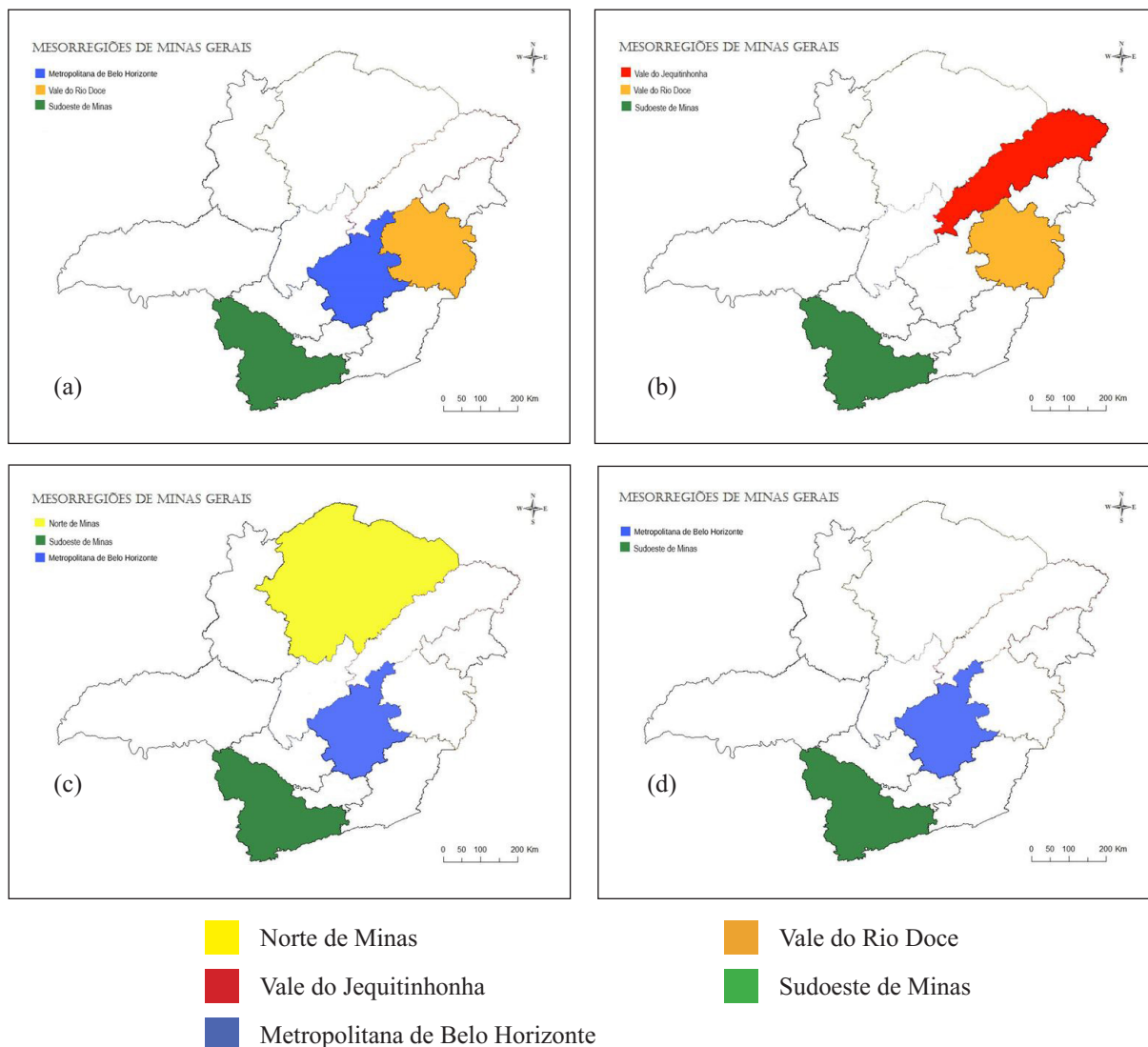


Figura 4: Mapas dialetais por mesoregiões separados pelas lexias encontradas: (a) Apiar, Cocho, Fiar, Ingenho, Lavrar, Munho, Tacha; (b) Arquere, Barrelero, Bateia, Pelejar, (c) Adobo, Bruaca, Cadê, Canga, Cumê, Direito, Garapa, Imbigo, Inté, Mais, Mode, Mucado, Paió, Rancho, Trem; (d) Amarelão, Aperto, Arado, Ativo, Bagaço, Balaio, Boiada, Brejo, Capãozinho, Criação, Cumade, Envir, Foice, Fumo, Garrar, Garrote, Golo, Grota, Guela, Iguali, Melado, Moda, Pinga, Sombração, Tecedera, Terrero, Tocinho, Vara de ferrão, Veiacó.

Fonte: Dados da pesquisa.

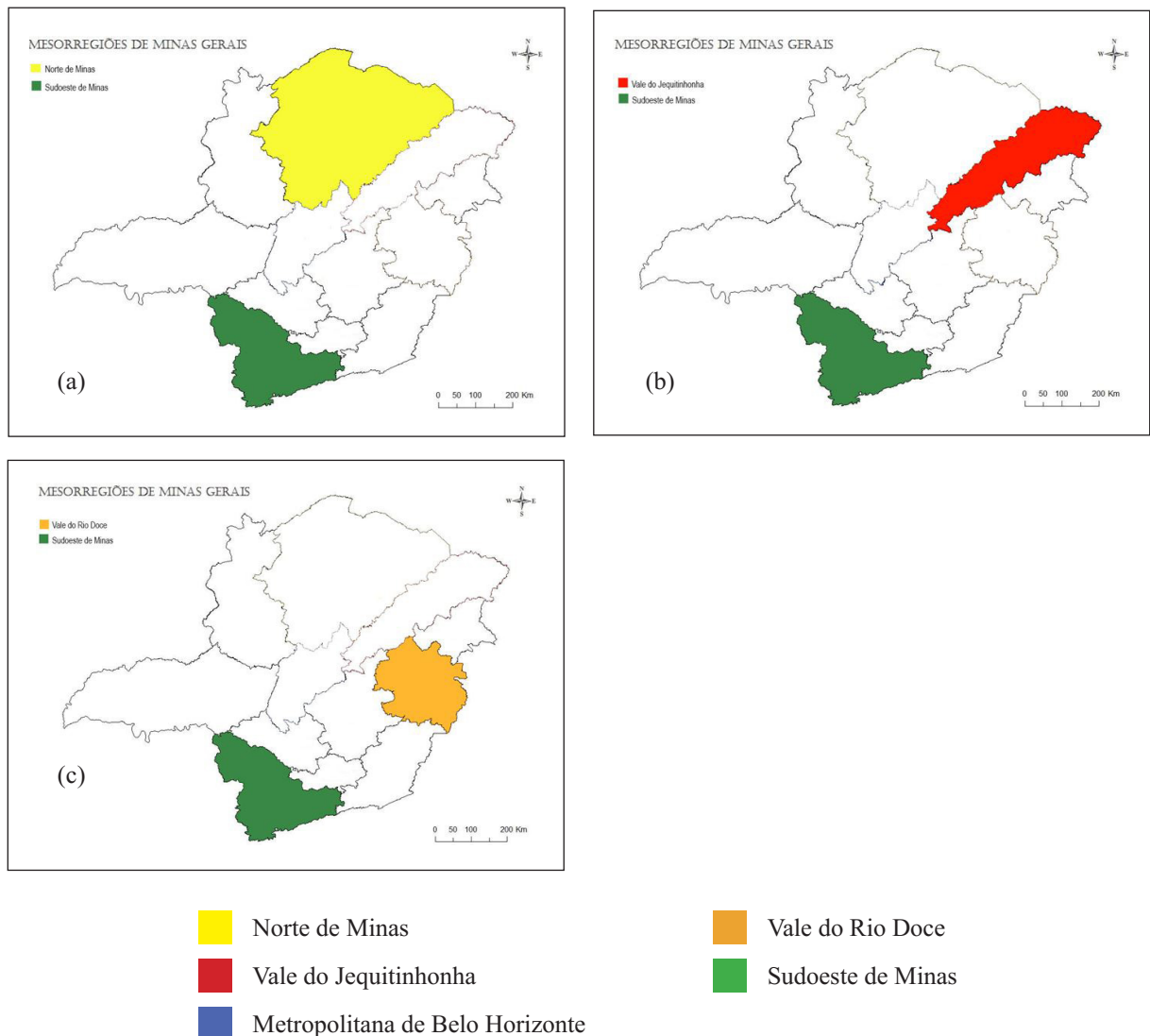


Figura 5: Mapas dialetais por mesoregiões separados pelas lexias encontradas: (a) Acá, Adonde, Banda, Barrer, Boiadero, Brabo, Caboquinho, Canjerana, Carabina, Carapina, Carrera, Causo, Cobre, Conto, Corgo, Cumo, Da moda, Danar, Dispois, Drumir, Do arco da véia, Forró, Fundar, Gurita, Isturdia, Jagunço, Légua, Mantimento, Paninho de bunda, Perrengue, Quoresma, Rapadura, Relar, Santo Reis, Sariema, Tiare, Tocar, Topar; (b) Angico, Aruerão, Canzil, Chiquero, Coité, Rasteirinho, Rego, Sanapismo; (c) Apreparo, Armazém, Carriar, Casa de Morada, Cutia, Dificuldade, Gabiroba, Impariado, Manero, Pião, Piau, Quitanda, Sapé.

Fonte: Dados da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa**. 4.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1970.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- CORDEIRO, Maryelle Joelma. **Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas**. 2013. 291f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- COSERIU, E. **Competência linguística**. Madrid: Gredos, 1992.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. São Paulo: Parábola, 2005.
- FREITAS, Cassiane Josefina de. **Café com quebra-torço: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG**. 2012. 302f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- MIRANDA, Wanderley Martins Ribeiro de. **O estudo da fraseologia do léxico rural de Sabinópolis - MG**. 2013. 263f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1958.
- FREITAS, Cassiane Josefina de. **Café com quebra-torço: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG**. 2012. 302f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- RIBEIRO, G.A. **O vocabulário Rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – UFMG – Belo Horizonte – 256 páginas.
- RIBEIRO, José et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- ROCHA, A. P. A. ; RAMOS, J. M. **Estudos de dialetologia em Minas Gerais: breve histórico**. Estudos (UFBA), v. 41, p. 71-86, 2010.
- SOUZA, V.L. de. **Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas - Norte de Minas**. 2008. 278f. Dissertação (Mestrados em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.